

ESTUDO DE PAISAGEM CULTURAL O CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Alenka Cencic¹

A paisagem cultural

A realidade físico-biológica do sítio e, principalmente, as condições culturais determinam a espacialização de um assentamento. A visão de mundo dos indivíduos expressa-se no seu espaço. Seus elementos compositivos, como também o espaço por eles gerado, normalmente nos seus aspectos visuais variados, refletem as funções físicas, sociais e psicológicas para as quais foram propostos. Abrigo, fome e medo expressam-se tanto quanto a necessidade de intimidade, ordem visual, harmonia e paz. Dessa maneira, a qualidade do espaço urbano não é somente o produto das soluções estéticas, mas é proveniente das atividades tecnológicas e dos significados humanos, que são culturalmente determinados e analisáveis através de métodos diversos. Portanto, a qualidade de uma paisagem urbana é essencial aos seus moradores. As soluções adequadas, tanto no aspecto funcional, tecnológico, como também no simbólico, dentro do contexto cultural a que pertencem, contribuem para o bem-estar de seus usuários e os incentivam nas tarefas diárias.

O homem, a cultura e a paisagem cultural nasceram simultaneamente, dando início à trajetória da história da humanidade. Durante sua evolução, a sociedade e o espaço formam um todo indissociável que, num ritmo diacrônico, apresentam organizações espaciais e sociais cada vez mais complexas. A cultura aparece aqui como um sistema de códigos que orienta a ação humana e que, por sua vez, enriquece a experiência acumulada. Ela assegura a estabilidade sem se opor à inovação. Constitui um conjunto de saber fazer. Permite ao homem atingir uma autonomia cada vez mais ampla em relação ao seu exterior e, com isso, maior liberdade.

O conceito de cultura é amplo e, principalmente, o senso comum o trata das formas as mais diversas. Entre os estudiosos há algum consenso. A cultura pode ser definida como uma condição que especifica o modo de vida das pessoas na sua totalidade. Em outras palavras, cultura é a proposta das pessoas para suas vidas. Cada sociedade de indivíduos possui uma cultura distinta. O conteúdo de cada uma abrange as tecnologias, os recursos materiais, a organização social e a visão do mundo. Pode ser caracterizada também como um sistema historicamente derivado de formas padronizadas de comportamento que os indivíduos adquirem como membros da sociedade. Essa definição explicita que a cultura se baseia nos comportamentos ensinados, em contraste com os fatores biológicos hereditários, comuns tanto aos homens como aos animais.

¹ Este texto foi elaborado a partir da dissertação de mestrado, defendida em março de 1996, no curso de Pós-Graduação em Geografia, na área de concentração: Geografia e Organização Humana do Espaço, no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

As paisagens culturais, realizadas a partir da iniciativa humana, são um produto cultural e, como tal, exprimem as relações entre os diversos grupos. Elas contêm uma carga de significado tão grande, que acabam por se tornar o campo das representações simbólicas. O nível simbólico, além de reunir os sinais visíveis dos objetos vitais da cada sociedade, como proteger-se das intempéries e sobreviver, contém também suas aspirações e convicções mais subjetivas.

No mundo atual predominam ainda as paisagens culturais, que atingem seu equilíbrio qualitativo quando seus três componentes — extração-moradia, ecologia e cultura — atuam harmoniosamente. Isso significa uma economia eficaz, a presença dos elementos físico-biológicos originais e uma imagem visual agradável. Tal qualidade pode ser atingida ainda hoje, apesar de toda a mecanização existente, se o seu uso for equilibrado, do mesmo modo como ocorria durante o processo histórico de sua formação, quando os aspectos culturais específicos de cada sociedade foram respeitados.

A recente industrialização não eliminou todos os vestígios de uma simbologia vinda do passado. O mundo anglo-saxão, o mundo eslavo e o mundo latino ainda se distinguem uns dos outros pela expressão diferente que apresentam em suas paisagens culturais, apesar das economias similares. No entanto, essa diversidade nas propostas novas é cada vez mais rara e tênue. Os valores culturais das sociedades industriais mudaram. Os significados econômicos estão cada vez mais presentes em suas decisões políticas, criando posturas e condutas uniformes, que se refletem espacialmente.

As concepções teóricas modernistas do início deste século, referentes tanto às ambientações externas como às edificações, apresentam-se, em sua maioria, desprovidas das características específicas de cada conjunto cultural. As conquistas tecnológicas e a racionalidade da sociedade industrial são as diretrizes que predominam nas novas paisagens culturais deste século, conferindo-lhes um caráter globalizante.

No Brasil, as menores extensões territoriais são ocupadas por paisagens culturais provenientes de uma sociedade industrializada, enquanto as maiores extensões são de “paisagens tradicionais”. Nessas paisagens afloram fortes componentes de uma cultura de origem híbrida. Os povos indígenas, os colonizadores portugueses, os escravos africanos, assim como os imigrantes europeus de culturas variadas, são as contribuições de traços mais fortes. Esses traços, com seus componentes específicos, mostram-se em quantidade e intensidade diferentes, que dão origem a distintas regiões culturais.

Um método de leitura do ambiente construído

Como os ambientes construídos têm significado cultural, eles são vistos como símbolos e expressões dos valores culturais, do comportamento social e das ações pessoais. Por isso podem ser lidos como se lê um livro. A paisagem é a biografia da população que nela vive, refletindo os gostos, os valores, as aspirações e até os temores da sociedade de forma visível. Normalmente não é pensada assim, razão pela qual a mensagem cultural das paisagens é mais verdadeira e autêntica do que qualquer outra biografia. Todos os insucessos e as glórias culturais nela estão registrados.

Apesar da analogia, a leitura das paisagens é normalmente mais complexa que a leitura de um livro. As diferentes formas adotadas para os assentamentos são um fenômeno complexo, para o qual não basta uma única explicação. Todas as explicações possíveis são as variações de um só tema: povos com distintos

ideais e atitudes respondem aos vários ambientes físicos; essas respostas variam de um sítio a outro, segundo as diferenças no jogo dos fatores culturais, sociais, econômicos e físicos. E, mais ainda, esses fatores e as respostas podem mudar gradualmente com o passar do tempo.

O estudo das relações entre o espaço e o homem são objeto de discussão em várias disciplinas científicas, como também especialmente na filosofia. O pensamento dos filósofos Heidegger, Merleau-Ponty e Bachelard serviu de base para o aparato conceitual que subsidia os procedimentos metodológicos das análises.

A vida do homem se desenvolve no espaço, onde ele executa atividades como deslocar-se, estudar, escrever, pintar, tomar banho, cozinhar, alimentar-se, fazer compras, andar de patins, nadar *etc.* Na dimensão fenomenológica, o espaço não é somente o invólucro onde as atividades acontecem. Ele é o mediador entre a parte funcional e a simbólica dos eventos, já que incorpora todas as necessidades, expectativas e desejos humanos, isto é, ele é definido nas bases culturais de cada agrupamento social.

As formas do espaço urbano são criadas a partir das experiências vividas do homem e podem ser consideradas em três níveis: simbólico, funcional e tecnológico. O nível simbólico está relacionado com o universo humano de desejos, que confere o significado ao espaço. O nível funcional propicia ao espaço maneiras de organização, de forma que as atividades cotidianas possam ocorrer. Já o terceiro nível, o tecnológico, abrange os conhecimentos técnicos que possibilitam a realização dos espaços significativos e funcionais ao mesmo tempo.

O conceito de “habitabilidade”, neste trabalho, é entendida como essência do “equipamento” espaço urbano que possibilita elevar a qualidade do espaço da cidade ao nível de lar. Quando tudo está se desenvolvendo muito bem, nenhum aspecto da habitabilidade é afetado. Entretanto, quando alguma parte compositiva apresenta deficiências, isso quer dizer que a habitabilidade está sendo abalada, ela aflige a relação experienciada do lar. Como o espaço urbano tem como objetivo essencial o pleno funcionamento, ele deve atender equilibradamente ao seu usuário, o homem, culturalmente definido e movido por seus desejos e necessidades.

Para que o cidadão possa “sentir-se em casa” num espaço urbano, este deve possuir certas qualidades, como dimensões confortáveis para as caminhadas, deve possuir construções com fachadas interessantes e bonitas, temperatura e ventos agradáveis, equipamentos urbanos, objetos de arte, áreas verdes, os deslocamentos devem funcionar plenamente *etc.* Isso significa que a habitabilidade exige três grupos de qualidades. O primeiro refere-se aos aspectos pragmáticos do espaço, que estão relacionados com os fatores climáticos, o segundo à dimensão simbólica e cultural do espaço que engloba proporções, tamanhos e acabamentos de seus elementos compositivos, sensações estéticas e outros mecanismos culturalmente relacionados. Por último, o terceiro grupo está relacionado com aspectos funcionais, tais como a organização espacial das vias, cruzamentos, fluidez no trânsito *etc.* As qualidades dos três grupos estão interligadas e podem aparecer mais de uma vez.

A habitabilidade de um “espaço lar” relaciona-se à dimensão fenomenológica do ato de habitar. A dimensão fenomenológica é definida em três partes: interior-exterior, visibilidade e apropriação, que, por sua vez, estão relacionadas com os fenômenos de territorialidade, privacidade, identidade e ambiência.

Os conflitos e os aspectos espaciais positivos surgem a partir do uso do espaço. O único modo de identificá-los é através do uso de várias técnicas de investigação. A avaliação pós-ocupação dos assentamentos urbanos abrange os estudos que visam avaliar o espaço. Detectar os conflitos e os aspectos espaciais positivos significa trazer à tona soluções espaciais que não devem ser novamente empregadas ou devem ser corrigidas e também aquelas que, por desempenhar bem suas funções, podem ser novamente aplicadas, quando as orientações culturais que os regem continuam as mesmas.

O objeto de estudo

A Universidade Federal de Minas Gerais é uma instituição pública de ensino, instalada nos campi da Saúde e da Pampulha e nas unidades isoladas, situadas no centro da cidade e em outros bairros de Belo Horizonte. Ela conta também com o Museu de História Natural e Jardim Botânico, o Hospital das Clínicas e o Observatório Astronômico, este último localizado na Serra da Piedade. O território da UFMG abrange 8.795.823m² e a área construída das edificações totaliza 491.157m². Neste trabalho somente o Campus da Pampulha foi estudado.

Em termos de estrutura urbana, o Campus da Pampulha possui todos os elementos físicos de uma cidade: avenidas, ruas, edifícios, identificação das ruas e avenidas, passeios para pedestres, rede elétrica e de telefonia, árvores, áreas de lazer *etc.* O que o diferencia do espaço urbano convencional são suas atividades monofuncionais, já que seu uso está voltado exclusivamente para o estudo ou para propiciar as condições necessárias a esse fim. Na maioria das vezes, as edificações são bastante afastadas das ruas, incluídas nas áreas verdes, o trânsito é menor em relação ao de uma cidade, e o espaço externo bastante extenso. Por causa disso, as qualidades ambientais no Campus extrapolam as de qualquer cidade, apesar de ainda não estar “concluído”.

O que faz o Campus diferente de uma cidade é também o valor de troca. Esse valor intrínseco não está sendo praticado, já que partes de seu território e seus edifícios não estão sendo comercializados. O valor de troca poderia ser atribuído quando o Campus se mostrasse inadequado, superado e sem possibilidades econômicas e/ou técnicas de ser adaptado às novas necessidades. Nesses anos todos, desde sua implantação, seus usuários só usufruíram do seu valor de uso.

Apreensão da paisagem do Campus

No estudo do espaço externo do Campus da Pampulha da UFMG foram utilizadas as percepções e as imagens dos usuários, com o objetivo de avaliar o ambiente construído a partir do seu ponto de vista. Por meio de várias técnicas, como questionário estandardizado, entrevista focalizadora, mapa mental, arquivo e observação direta, tanto os conflitos como os aspectos espaciais positivos foram identificados e, posteriormente, analisados. A avaliação foi providencial, já que o Campus ainda se encontra em fase de implantação.

Os conflitos e aspectos espaciais positivos encontrados a partir das percepções dos usuários do Campus algumas vezes mostram características culturais universais, como o desconforto propiciado pela ausência de rampas de acesso à entrada

nos edifícios. Já outros revelam as especificidades da cultura brasileira, mineira, e até peculiaridades provenientes de um uso especificamente destinado ao estudo.

As colocações das percepções dos usuários e as suas análises foram organizadas em vários itens, como: a não-conclusão do espaço, os deslocamentos (malha viária, estacionamentos, caminhos para pedestre), a ocupação do espaço externo (relação entre as construções e a área verde, afastamento frontal e lateral dos edifícios), as edificações, e o espaço urbanizado e seus elementos (elementos de informação, pequenas construções, mobiliário urbano, infra-estrutura).

Os quatro fenômenos existenciais que orientaram as análises dos conflitos e aspectos espaciais positivos não foram utilizados na mesma proporção. Na maioria das análises, a identidade e a ambiência evidenciaram-se mais frequentemente. Entretanto, a territorialidade manifesta-se muito menos, e o fenômeno existencial de privacidade está ausente. A partir dessa proporção, pode-se concluir que as qualidades da habitabilidade do espaço do Campus, tanto negativas quanto positivas, identificadas pelos usuários estão relacionadas com os fenômenos de identidade e ambiência, em poucos casos com a territorialidade e nunca com a privacidade. Apesar de todos os fenômenos existenciais estarem interligados, o fenômeno existencial de privacidade, na percepção dos usuários do espaço urbano do Campus, mostrou-se inexpressivo.

Apesar de os usuários se referirem ao Campus de várias maneiras — “igual a uma cidade qualquer, parecido com uma cidade moderna, como Brasília, próximo das características do espaço rural, idêntico a um bairro, a um subúrbio americano ou a um Campus mesmo” —, a maioria o vê como um espaço urbano, mas com características peculiares, específicas de um Campus universitário. Já os seus sentimentos estão relacionados principalmente com o conceito de topofilia. Nesta pesquisa, os sentimentos desagradáveis ou negativos não foram detectados. Também são poucas as pessoas que não criaram ainda ligações afetivas mais fortes. Nesse caso, trata-se dos visitantes, usuários esporádicos, provenientes das unidades isoladas e dos alunos, professores e funcionários recém-chegados à Universidade. Nos comentários espontâneos expressos durante as entrevistas, os laços afetivos em relação ao espaço do Campus foram parcialmente colocados através das palavras do sentimento de bem-estar e de prazer estético. Os usuários referem-se ao Campus como um “lugar extremamente agradável”, onde “se respira bem” e como um “lugar muito bonito e atraente”. Mas o espaço do Campus não adquire somente a dimensão do belo e do bem-estar físico. Ele é considerado um espaço muito especial, de valor afetivo muito grande, já que nele se sentem em casa. Nas entrevistas foram colocadas as seguintes frases:

“Hoje o Campus é muito minha casa.”

“É a segunda casa da gente.”

Para poder executar uma leitura “completa” do espaço, as várias áreas de conhecimentos deveriam ser aplicadas através de um estudo interdisciplinar, a partir dos mesmos dados coletados. As questões espaciais não têm explicações somente na geografia, arquitetura e urbanismo. A análise do espaço no nível da percepção dos usuários é bastante complexa e abrange também conhecimentos de filosofia, de antropologia, de psicologia, de sociologia, de economia e de outros.

Nas propostas de intervenções espaciais, as percepções e os desejos dos usuários deveriam ser sempre levantados e devidamente inseridos nas propostas. Mesmo que os usuários tenham capacidade de perceber bem o seu espaço e saibam expressar seus desejos e opiniões, os dados obtidos devem ser criteriosamente avaliados e selecionados pelos técnicos, já que os usuários, muitas vezes, podem se enganar,

podem desejar algo completamente inadequado aos propósitos preestabelecidos ou, em razão da especificidade do problema, não possuem opiniões formadas. Entretanto, por parte dos técnicos deve haver sensibilidade apurada. Eles devem saber tomar providências sensatas, sem privilegiar alguma solução técnica em detrimento da percepção dos usuários, que são culturalmente embasadas e específicas do tempo histórico dado.